

É preciso cultivar os frutos dessa razão: a atualidade do Iluminismo voltairiano

Michelle Marques*

Resumo - O racionalismo moderno vive uma crise desde o século dezenove. A filosofia do século vinte intensificou esta crise: o Iluminismo, particularmente, parece ter passado, nas últimas décadas, por uma profunda descrença. No entanto, acreditamos que muitos dos valores do Iluminismo (principalmente aqueles relacionadas ao Iluminismo francês e a Voltaire) ainda são importantes hoje em dia. Ideias tão importantes quanto a defesa de direitos humanos e liberdade de pensamento e de religião têm suas origens no Iluminismo francês. No Brasil, tais concepções parecem ser mantidas pela revista *Veja* cujas posições sobre religião e ciência remetem aos valores da França ilustrada. Eis, portanto, nossa ideia: existem alguns aspectos do Iluminismo francês que permanecem como valores importantes de nossa sociedade na atualidade.

Palavras-chave: iluminismo; Voltaire; atualidade.

Abstract - The modern rationalism lives a crisis since nineteenth century. The twentieth century's philosophy has intensified this crisis: the Enlightenment specifically seems to know a deep disbelief. Though, we believe that many of the Enlightenment's ideas (mainly those related to the French Enlightenment and Voltaire) still are important nowadays. Such important ideas like human rights and freedom of thinking and cult has its sources at French Enlightenment. In Brazil, these ideas seem to be regarded by *Veja* magazine whose positions about religion and science seems to be guided by Enlightenment's conceptions. So that's our position: there are some aspects of French Enlightenment that remains as important ideas to our society nowadays.

Keywords: enlightenment; Voltaire; present time.

1 A CRISE DO RACIONALISMO MODERNO

O racionalismo está em crise. Aliás, esta crise já tem um bom tempo: teria começado no século XIX. A filosofia contemporânea, principalmente as correntes que se convencionou chamar de pós-modernas, seria reflexo e aprofundamento da crítica que já nos oitocentos se fazia às concepções racionalistas¹. De acordo com Danilo Marcondes:

* Professora de História Moderna das Faculdades Integradas de Patos, mestre em História do Brasil pelo programa de pós-graduação em História da UFPE. michelledml@gmail.com. A primeira parte do título deste artigo foi tirada do *Tratado sobre a tolerância*, de Voltaire (2008, p. 105).

¹ Alguns filósofos que romperam com a tradição racionalista no século XIX: Arthur Schopenhauer, Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche – este último exercendo grande influência sobre o pensamento chamado de pós-moderno –, além do movimento romântico (MARCONDES, 1998, pp. 237-245).

A filosofia contemporânea pode ser vista, em grande parte, como resultado da crise do pensamento moderno no séc. XIX. O projeto moderno se define, em linhas gerais, pela busca da fundamentação da possibilidade do conhecimento e das teorias científicas na análise da subjetividade, do indivíduo considerado como sujeito pensante, como dotado de uma mente ou consciência caracterizada por uma determinada estrutura cognitiva, bem como por uma capacidade de ter experiências empíricas sobre o real, tal como encontramos no racionalismo e no empirismo, embora em diferentes versões. Este projeto entra em crise a partir do séc. XIX (...) (1998, p. 251).

Esta crítica atinge em cheio o Iluminismo e sua profunda crença na razão humana e nos seus poderes, já que esta corrente de pensamento do século XVIII é herdeira direta da filosofia do século anterior, dos já citados *racionalismo* e *empirismo*. Segundo a concepção iluminista,

(...) a Razão não pode se submeter (...) a nenhuma regra que lhe seja extrínseca: ela é, para si mesma, sua própria regra. Mas é também a regra para o universo em geral (...). Os seres e as coisas que nos circundam estão submetidos a certas regularidades. Caberá ao homem descobri-las e para isto ele dispõe do instrumento adequado, ou seja, sua própria inteligência (FORTES, 1993, p. 18).

Ao fazer a crítica à tradição racionalista, os chamados pós-modernos têm em vista principalmente o Iluminismo. Conforme Jurandir Malerba,

(...) o pós-modernismo sustenta a proposição de que a sociedade ocidental, nas décadas mais recentes, passou por mudança de Era Moderna para “Pós-moderna”, que se caracteriza pelo *repúdio final da herança da Ilustração* [grifo nosso], particularmente da crença na “Razão” e no “Progresso” (...) [e] à noção de que a história humana é um processo de emancipação universal (2006, p.13).

Decorria desta concepção de razão e de progresso, portanto, um profundo otimismo em relação ao futuro da humanidade. O século XX, segundo os críticos destas concepções iluministas, teria desmentido da pior maneira esta expectativa de emancipação humana, ou, em outras palavras, esta promessa de felicidade feita pelo pensamento do século das Luzes. A confiança que pensadores como Condorcet e Voltaire vão depositar “na perfectibilidade indefinida do homem e na aceleração do progresso” não vai se concretizar, muito pelo contrário, “(...) por ironia da História, a razão técnica e científica voltou-se contra os judeus cuja discriminação o filósofo

[Condorcet, mas também Voltaire], na verdade combatera” (SANTOS, 2001, p. 14). De acordo com Laymert Garcia dos Santos,

Nessa perspectiva, Auschwitz também pertenceria ao Iluminismo. Contrariando Adorno, para quem depois de Auschwitz não é mais possível fazer poesia, o poeta Heiner Müller ousa pensar em seus textos o campo de extermínio “como derradeiro estágio das Luzes”. Com ele parece concordar o sociólogo Zygmunt Bauman (...): “(...) o Holocausto não foi simplesmente um problema judeu (...). O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema desta sociedade, desta civilização e cultura” (p. 12) (2001, pp. 14-15).

Partindo desta perspectiva e destes argumentos somos obrigados a concordar que o racionalismo moderno está em crise.

2 ILUMINISMO EM CRISE?

No entanto, levantamos a discussão sobre a propalada crise do pensamento moderno, recorrendo a diversos comentaristas, para propor uma ideia no mínimo controversa: a crise da tradição moderna, principalmente do Iluminismo², parece-nos algo restrito aos meios acadêmicos, universitários, principalmente ao âmbito da reflexão filosófica. Não que discordemos integralmente da crítica: em muitos aspectos ela é bastante pertinente. Mas acontece que os valores defendidos pelo Iluminismo ultrapassam as questões de ordem epistemológica ou científica. Segundo Maria das Graças de Souza, o saber, desde Bacon, é visto como algo que aperfeiçoa “outros domínios da vida”. Para os iluministas, portanto, que seguem esta perspectiva baconiana, “a razão não é apenas faculdade de conhecer, mas é também *instância que estabelece valores para regular e orientar a vida em sociedade* [grifo nosso] (...)” (2001, p. 22).

Pode-se questionar se a ascensão do nazismo e suas terríveis conseqüências, por exemplo, como já mencionamos aqui, não tornariam inviáveis afirmações no sentido de atribuir à razão iluminista o estabelecimento de “valores para regular e orientar a vida em sociedade”. Parece difícil refutar a ideia de que, em alguns momentos, o século XX

² Quando nos referimos ao Iluminismo estamos pensando principalmente na vertente francesa e, mais especificamente, voltairiana do movimento.

pareceu ser absolutamente contrário à noção de “civilização”, tal como entendida pelos filósofos iluministas.

Porém, contraditoriamente o século XX tem dado demonstrações de que ideias iluministas bem mais “humanitárias”, digamos, tem também se estabelecido. Valores como a defesa de direitos humanos, a tolerância religiosa, a liberdade de pensamento e expressão surgem, ou se estabelecem, como valores, principalmente no Ocidente, a partir da filosofia das Luzes. Portanto, é verdade que o século XX nos fez lançar um olhar crítico sobre as “promessas” do século das Luzes. Mas, por outro lado, parece ser possível afirmar também que os valores apontados acima – direitos humanos, tolerância religiosa, etc – foram incorporados à cultura ocidental e que eles fazem parte do nosso cotidiano regulando muitas de nossas ações. Então, há uma crise – percebida pelos que precisam se debruçar sobre a reflexão filosófica – mas acreditamos que a mentalidade do homem “médio culto”, “esclarecido” incorporou muito dos valores iluministas, e estes valores seriam “humanitários”. Esta mentalidade do homem “médio esclarecido”, que parece aceitar como valores importantes o respeito à diferença e a liberdade de pensamento, parece se refletir na grande imprensa, por exemplo³.

Mas ao que parece não só valores iluministas “humanitários” fazem parte da mentalidade do indivíduo “médio” no Ocidente. Para o senso comum, a ciência parece persistir como discurso da verdade, espaço de decifração do real, apesar de toda a crise epistemológica do século XX. Mais uma vez, a imprensa parece assumir uma perspectiva ilustrada, se colocando no papel de divulgadora e defensora de teorias científicas, apoiando a razão e combatendo a ignorância.

Esta ideia de que a imprensa tem uma postura de divulgadora, defensora de certos valores iluministas parece se adequar a atuação da revista *Veja*⁴ no Brasil, por exemplo. Conforme tentaremos mostrar mais adiante, o referido semanário se vê imbuído da tarefa de ajudar a esclarecer, modernizar a sociedade brasileira através do

³ Não é nosso objetivo – e nem seria possível no espaço deste artigo – discutir detalhadamente, conceitualmente o que seria este indivíduo “médio”. Do mesmo modo, não nos aprofundaremos em discussões teóricas acerca do papel da imprensa, da comunicação de massas nos dias atuais porque, mais uma vez, não é nosso propósito, nem temos formação intelectual para tanto. Partiremos da idéia de que a imprensa “livre”, no Ocidente, se vê como parte importante do mundo “civilizado”, mais ainda, como defensora de seus ideais. Partimos da constatação, portanto, de que existe um indivíduo “médio” e uma imprensa tal como descritas aqui e temos consciência dos riscos que isto implica. No entanto, o que pretendemos é, tão somente, discutir que, apesar da “crise”, valores iluministas estão presentes em certos segmentos de nossa sociedade.

⁴ Por que razão escolhemos a *Veja*? Por ser a revista semanal de maior circulação no país e por ser influente, no sentido de que seus posicionamentos repercutem. Não nos interessaremos por questões de ordem “ideológica”, ou seja, pelos posicionamentos da revista no que diz respeito à economia e à política.

combate a certas ideias “atrasadas”, atuando ainda como divulgadora de teorias científicas⁵. Depois voltaremos à revista *Veja* e seus valores iluministas.

3 ILUMINISMO FRANCÊS E VOLTAIRE

Devemos ter cuidado ao abordar a filosofia das Luzes por um motivo muito simples: não havia unidade de pensamento em seu interior. Apesar de serem igualmente chamados de iluministas, Voltaire e Rousseau, por exemplo, em alguns aspectos assumiam posições antagônicas (por exemplo, em relação à propriedade privada e à noção de civilização). Maria das Graças de Souza chega a afirmar “que não há um iluminismo, mas uma diversidade de filosofias e pensamentos”⁶ (2001, p. 203).

Apesar da complexidade e diversidade do pensamento do Iluminismo, cremos que Voltaire era um de seus filósofos mais emblemáticos porque os seus valores são aqueles identificados com este movimento filosófico ainda hoje: crença nos poderes da razão e da ciência, um certo otimismo (que deve ser nuançado) quanto à “evolução” da humanidade e, por isso mesmo, expectativa quanto ao seu progresso.

As *Cartas inglesas* (conhecida também como *Cartas filosóficas*) é um de seus (muitos) escritos que expressa bem estes pontos de vista. Um texto curto fruto de seu exílio na Inglaterra⁷, com um tom engajado de quem espera convencer seus compatriotas a abraçar a “racionalidade” e o nível de “civilidade” dos ingleses. Esta obra tem particular interesse para nós porque nela Voltaire defende posições consideradas tipicamente iluministas (e é por isso mesmo que consideramos este texto um dos mais significativos de sua obra) que, segundo percebemos, persistem como valores do homem “médio esclarecido”.

Nas *Cartas inglesas*, segundo Souza, o que Voltaire queria era tentar apreender “o que era na época ‘o espírito do povo inglês’”; para tanto “ele privilegia, em sua

⁵ É interessante, por exemplo, a defesa que a *Veja* faz do pensamento científico-racional: recentes matérias fazem o elogio ao evolucionismo e a Charles Darwin e criticam duramente o criacionismo.

⁶ Francisco Falcon lembra, por exemplo, que na França o Iluminismo ganha uma “forte conotação anticlerical, que Voltaire muito bem simboliza. A tradição desse radicalismo anticlerical levou às leituras da secularização em bases antitéticas: razão *versus* religião, ou natural *versus* sobrenatural. Contra essa visão algo maniqueísta da secularização (...) é necessário contrapor a realidade histórica de uma *secularização* que está longe de ter sido um processo linear ou homogêneo” (2009, pp. 33-34).

⁷ Em 1725, Voltaire entra em atrito com o cavaleiro de Rohan: o primeiro, apenas um literato ainda por conquistar a glória (nesta ocasião, Voltaire tem só 31 anos), o segundo, nobre. A França ainda era a do Antigo Regime: havia “o ‘lado de Rohan’ e o ‘lado de Arouet [seu verdadeiro nome era François-Marie Arouet]’”. Por causa deste episódio, chega a ser encerrado “mais uma vez na Bastilha (...). Sai em 1726, e pede para ser enviado à Inglaterra. Aí vai terminar sua educação (...)” (BASTIDE, 2005, p. 25).

análise, a religião, o governo, o comércio, a ciência e a filosofia, e as artes”⁸ (2001, p. 97). Porém, há uma ênfase nos assuntos religiosos, que merecem sete cartas contra apenas duas dedicadas ao governo.

Podemos nos perguntar por que a questão das religiões ocupa um lugar tão amplo nas análises de Voltaire sobre a Inglaterra. Certamente, isso não se dá por causa de um interesse no conteúdo das diversas doutrinas, mas pela influência da religião nos costumes, na maneira de dirigir a sociedade, nas relações sociais e mesmo políticas. Deste ponto de vista, as opiniões religiosas são para Voltaire um dos componentes fundamentais do espírito de um povo, se não for o mais determinante. De outro lado, apresentar o espetáculo da convivência de diversas seitas na Inglaterra é uma maneira de lembrar aos franceses a intolerância de sua nação, na qual os protestantes e judeus ainda não tinham reconhecidos os seus direitos civis (SOUZA, 2001, p. 97).

Portanto, se os *quakers* merecem quatro longas cartas, não é porque Voltaire tem particular interesse por esta doutrina – o pensador não se esquece de mencionar aquilo que ele considera as “fantasias”, “milagres” e “superstições” desta seita –, mas porque ela é, por exemplo, um contraponto ao cristianismo romano vigente na França de sua época: dogmático, arbitrário e intolerante. Já os *quakers* “não tinham hierarquia sacerdotal, eram pacifistas, não aceitavam nenhum sacramento” (2001, p. 98).

Assim, a análise da maneira como uma nação lida com as questões religiosas é importante porque revela o seu nível de tolerância, ou seja, de “civilidade”, quesitos fundamentais para o desenvolvimento de um povo, segundo Voltaire. A tolerância, por sua vez, só é possível em um país como a Inglaterra porque o Estado não se envolve mais em matéria de religião que passa a dizer respeito exclusivamente ao âmbito da vida privada. Um Estado laico, independente de ingerências de toda e qualquer religião é um dos valores iluministas ainda presente em certos segmentos da sociedade atual, como veremos mais adiante.

É neste sentido que Voltaire faz o elogio à Inglaterra: “Aqui é o país das seitas. Um inglês, como homem livre, vai para o céu pelo caminho que lhe agrada”⁹ (1978, p. 9). Ou ainda:

⁸ Para os fins de nossa discussão nos concentraremos nas cartas que discutem religião e ciência.

⁹ Veremos, mais adiante, como o colunista da *Veja*, André Petry, repete ideia semelhante a esta.

Embora a seita episcopal e a presbiteriana sejam dominantes na Grã-Bretanha, todas as outras também são bem-vindas e convivem muito bem (...). Entrai na Bolsa de Londres, praça mais respeitável do que muitas cortes. Aí vereis reunidos, para a utilidade dos homens, deputados de todas as nações. O judeu, o maometano e o cristão negociam reciprocamente como se pertencessem todos à mesma religião. Só é infeliz quem vai à bancarrota. O presbiteriano confia no anabatista, e o anglicano, na promessa do quacre. Ao sair dessas assembleias livres e pacíficas, uns vão à sinagoga, outros vão beber. Um vai ser batizado numa cuba de água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Outro leva o filho para que lhe cortem o prepúcio e despejem sobre sua cabeça resmungos hebraicos incompreensíveis. Outros vão à sua igreja, e enchapelados, esperam a inspiração de Deus. E todos estão contentes. Se houvesse uma única religião na Inglaterra, o despotismo seria temível; se houvesse duas, uma degolaria a outra; mas como há trinta, vivem felizes e em paz (1978, p. 11).

Já no que diz respeito à ciência, o seu propósito, nas *Cartas*, era defender e expor do modo mais claro possível as teorias do conhecimento e científicas que circulavam no ambiente intelectual inglês. A preocupação em expor de modo claro confere ao pensador francês um importante papel na história das ideias:

A rigor, Voltaire não foi propriamente um filósofo. Detestava toda especulação abstrata e suas obras não contém maior originalidade como reflexão analítica; limitam-se à exposição e defesa do pensamento de outros. Isso, no entanto, ele o faz de maneira brilhante: tem o dom de apaixonar o leitor, fazê-lo compreender as ideias mais complexas e convertê-lo às suas opiniões. Desempenhou, assim, um papel importante dentro da história das ideias (CHAUÍ, 1978, pp. IX-X).

Nas *Cartas*, Voltaire expõe com clareza as teorias empíricas de Francis Bacon e John Locke e as teorias da física de Isaac Newton: estas cartas são com frequência consideradas as mais interessantes da obra. Ao expor teorias científicas de modo claro, Voltaire esperava conquistar a adesão do leitor para aquelas ideias, convencê-lo de que elas representavam o verdadeiro conhecimento, em outras palavras: queria esclarecer o maior número possível de pessoas¹⁰.

O entusiasmo pelo ambiente intelectual inglês é explícito; é clara ainda a valorização da ciência como algo que engrandece a humanidade, em detrimento da política, por exemplo. Na carta sobre Bacon, Voltaire faz a seguinte colocação:

Não faz muito tempo, gente célebre punha esta questão gasta e frívola: quem foi o maior homem? César? Alexandre? Tamerlão? Cromwell? etc. Alguém

¹⁰ “Servi-vos de vosso espírito – diz (...) Voltaire em carta a Helvetius – para esclarecer o gênero humano” (FORTES, 1993, p. 28).

respondeu: Isaac Newton, indubitavelmente. Quem o disse tinha razão, pois, se a verdadeira grandeza consiste em receber do céu um gênio poderoso e em servir-se dele para se esclarecer e aos outros, um homem como o Sr. Newton, raro em cada dez séculos, é verdadeiramente um grande homem. Os políticos e conquistadores, que todo século não deixa de possuir, ordinariamente são apenas ilustres malfeitores. Devemos nosso respeito àquele que domina sobre os espíritos pela força da verdade, e não àqueles que os escravizam pela violência; àquele que conhece o universo e não àqueles que o desfiguram. Visto que exigis que vos fale dos homens ilustres produzidos pela Inglaterra, começarei pelos Bacon, pelos Locke, pelos Newton. Os generais e ministros virão quando chegar a sua vez (VOLTAIRE, 1978, p. 18).

Nas *Cartas inglesas*, a vez dos generais e ministros não chega... A partir daí, Voltaire vai descrever e discutir as teorias de Bacon, Locke e Newton procurando ser o mais claro e “didático” possível (a carta sobre o “sistema da atração” consegue falar da física newtoniana de maneira bastante acessível), tentando convencer seu interlocutor da validade dessas teorias.

Veremos, na sequência, como estas concepções voltairianas, iluministas parecem ainda estar presentes na atualidade em algumas matérias da revista *Veja*.

4 VOLTAIRE E ILUMINISMO HOJE: O EXEMPLO DA VEJA

Parece que, nos últimos anos, a cruzada em favor da ciência empreendida pela *Veja* tem o darwinismo como principal bandeira. A revista dedicou, entre 2005 e 2009, quatro matérias a este assunto, sendo por duas vezes, inclusive, matéria de capa¹¹. O tom dessas matérias é de defesa do evolucionismo e crítica dura à resistência religiosa às teorias de Charles Darwin.

Na perspectiva da *Veja*, refletindo, ao que parece, uma postura “esclarecida” tipicamente iluminista, a ciência deve ser defendida dos ataques promovidos pelos ignorantes e supersticiosos. Em matéria intitulada “Por que Darwin ainda tem a chave da vida”, a ideia é defender o avanço da ciência e do conhecimento: “Sem suas [de Darwin] teorias, a biologia não teria chegado às células-tronco e aos alimentos transgênicos e estaríamos longe de decifrar o genoma humano” (VENTUROLI; SOUZA, 2005, p. 128). Esta mesma matéria explica, de maneira clara, no que consiste a teoria evolucionista e conclui com umas das ideias mais caras a Voltaire: a de que a ciência deve lutar contra a crença no sobrenatural: “Para quem crê na mão de Deus por

¹¹ 2005 foi o ano em que se inaugurou, no Museu Americano de História Natural, em Nova York, uma exposição sobre a vida e a obra do naturalista inglês. 2009 foi o ano do bicentenário de seu nascimento. As matérias foram escritas tendo como objetivo comentar exposição e aniversário; acabaram servindo como ensino para que a publicação fizesse a defesa da teoria evolucionista.

trás da criação da natureza, [Darwin] continua a ser uma pedra no sapato. Para a ciência, permanece como um libertador das amarras do sobrenatural” (p. 132).

Menos de dois anos depois, encontramos na *Veja* outra matéria em que o darwinismo é exposto de maneira clara: a reportagem intitulada “A revolução sem fim de Darwin” está repleta das discussões tão típicas de Voltaire a favor da racionalidade e contra a superstição e a ignorância (perceba-se que estas expressões aparecem de fato, textualmente). O texto que abre a matéria já dá indícios da postura do semanário em relação ao assunto: “Chega ao Brasil a exposição que abre as comemorações dos 200 anos de nascimento do cientista que explicou como a vida evolui na Terra. Ele se tornou um *herói da racionalidade* [grifo nosso] (CARELLI; CAMARGO, 2007, p. 112). Vejamos como este tom domina outras passagens do texto:

A exposição atrai sobre Darwin a atenção que ele merece como um *herói da razão e um inimigo da superstição e da ignorância* [grifo nosso]. (...) Antes dele? Acreditava-se na versão religiosa segundo a qual por volta de 4004 a.C., de uma só tacada, Deus criou o homem, a mulher e os demais seres vivos exatamente como eles são agora. Essa visão pré-darwinista, que só sobrevive dentro dos círculos religiosos, tem conseguido ultimamente uma projeção assustadora. *À luz desse retrocesso, lembrar as conquistas de Darwin torna-se um imperativo* [grifo nosso]. (...) Depois de quase 150 anos da publicação de *A Origem das Espécies*, a vitória das idéias de Darwin é inequívoca. (...) [Darwin] só tem inimigos fora da ciência (pp. 112-119).

Interessante observar que diante do “retrocesso” representado pela permanência em nossa sociedade da perspectiva religiosa da criação, a revista se atribui a missão “imperativa” de “lembrar as conquistas de Darwin”, ou seja, divulgar suas teorias, esclarecer e conquistar a adesão dos leitores para o lado da ciência e da razão.

No que diz respeito à persistência e até mesmo ao crescimento da concepção criacionista no mundo, o que inclui o Brasil, a postura do semanário é contundente. Em matéria intitulada “Graças a Deus – e não a Darwin”, seu autor já começa lamentando o fato de que “as escolas adventistas aparecem entre as melhores do país, mas ainda sobrepõem o criacionismo à teoria da evolução” (TODESCHINI, 2007, p. 116). Continua sua avaliação afirmando que a

(...) diferença aparece nas aulas de ciências, nas quais os estudantes são apresentados, sem nenhuma espécie de visão crítica, à explicação criacionista do mundo, segundo a qual homens e animais foram criados por Deus, tal como está na Bíblia. Esse, sim, é um *evidente atraso*. Historicamente, o

criacionismo vigorou no meio acadêmico até o século XIX, quando *foi superado pela teoria da evolução* de Charles Darwin, que pela primeira vez *esclareceu a origem dos seres vivos com base em evidências científicas* [grifos nossos] (pp. 117-118).

O autor deste artigo conclui enfatizando que estas escolas precisam “entender que o criacionismo foi *superado* [grifo nosso] pela ciência há mais de um século” (p. 118). Visão religiosa *atrasada* sendo *superada* por uma teoria que parte de *evidências científicas* – parece-nos uma abordagem tipicamente iluminista e voltairiana.

Já na matéria de capa intitulada “Uma guerra de 150 anos”, esta discussão continua. A grande questão aqui é tentar entender porque “Charles Darwin não conseguiu expulsar Adão e Eva dos livros escolares”. A autora do texto levanta alguns argumentos para tentar responder a esta indagação. É citada, por exemplo, a opinião do biólogo americano Stephen Jay Gould. Segundo ele, são muitas as pessoas que evitam compreender as teorias de Darwin porque “concordar com Darwin significa aceitar que a existência de todos os seres vivos é regida pelo acaso e que não há nenhum propósito elevado no caminho do homem na Terra” (2009, p. 77).

Segundo a matéria, os criacionistas americanos – nos Estados Unidos eles são um segmento com força considerável conseguindo espaço no meio escolar – usam o argumento da “liberdade acadêmica”:

A idéia que tentam passar é que o darwinismo é apenas uma teoria, não um fato, e ainda por cima está cheio de lacunas e é carente de provas conclusivas. Sendo assim, não há porque Darwin merecer maior destaque que o criacionismo. O argumento é de evidente má-fé. (...) [O evolucionismo] (...) é uma linha de raciocínio confirmada por evidências e experimentos. Por isso, quando é ensinado numa aula de religião, o Gênesis está em local apropriado. Colocado em qualquer outro contexto, só serve para confundir os estudantes sobre a natureza da ciência. (...) O fato é que a luta dos criacionistas contra Darwin nada tem de científica. Em sua profissão de fé, eles têm o pleno direito de acreditar que Deus criou o mundo e tudo que existe nele. Coisa bem diferente é querer impingir essa maneira de enxergar a natureza às crianças em idade escolar, renegando fatos comprovados pela ciência. Essa atitude nega às crianças *os fundamentos da razão, substituindo-os pelo pensamento sobrenatural* [grifo nosso] (p. 78).

Carelli conclui lamentando “que, enquanto continuam a desbravar territórios na ciência, as idéias de Darwin ainda despertem tanto temor” (p. 83).

Ainda no combate contra o criacionismo nas escolas está o colunista André Petry. O articulista, em texto intitulado “Lembra-te de Darwin”, afirma estar assustado

com o fato de o criacionismo estar presente também em escolas brasileiras. O texto de Petry tem momentos do que ousamos chamar de puro Iluminismo voltairiano. Para ele

Não há problema em que o criacionismo seja dado nas aulas de religião, mas ensiná-lo em aulas de ciência é deseducador. Criacionismo é a explicação bíblica para a origem da vida. Diz que Deus criou tudo: o homem, a mulher, os animais, as plantas, há 6000 anos. Quem estuda religião precisa saber disso. É uma *fábula* encantadora, mas não é ciência [grifo nosso]. É inaceitável que o criacionismo seja ensinado em biologia para explicar a origem das espécies. Em biologia, vale o evolucionismo de Darwin (...). Quem contrabandeia o criacionismo para as aulas de biologia diz que em respeito à “liberdade de pensamento”, está “mostrando os dois lados” aos alunos. Afinal, são escolas religiosas, confessionais, e os pais podem ter escolhido matricular seus filhos ali exatamente porque o criacionismo é visto como ciência. Pode ser, errar é livre, mas que embrutece não há dúvida. Embrutece porque ensina o aluno, desde cedo, a confundir *crença e superstição com razão e ciência* [grifo nosso]. Que cientistas saem de escolas que embrulham o racional com o místico? (2009, p. 75).

Perceba-se que ele chama a interpretação bíblica de “fábula”, sendo esta também a perspectiva que Voltaire tinha das narrativas sagradas em geral.

No que diz respeito ao ponto de vista da revista em matéria de religião a postura é bastante iluminista: o Estado deve ser laico. Em março de 2005, a Igreja se preparava para eleger um novo papa. O nome do cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Cláudio Hummes, era cogitado para assumir o lugar de João Paulo II. O semanário demonstrou apreensão com esta possibilidade porque ele era

(...) um progressista no que diz respeito às questões sociais e um conservador no que se refere à doutrina da Igreja. (...) compartilha com Roma idênticas posições no campo do comportamento. É avesso a quaisquer métodos contraceptivos, condena as pesquisas com embriões (...), por exemplo. (...) Na hipótese de ele vir a ser o próximo papa, o Brasil terá motivo de orgulho e outro de preocupação. A experiência demonstra que papas procuram ter voz ativa na política interna de seu país – o que não é bom. (...) Um papa brasileiro aumentaria além da conta a influência da Igreja Católica nas discussões de questões como a legalização do aborto e o uso de células de embriões em pesquisas científicas (2005, p. 92).

Alguns colunistas da *Veja* se colocam nesta mesma perspectiva – sendo na verdade até mais contundentes. André Petry é bem direto: “Um papa brasileiro? Não! [Ele] impediria os avanços morais e éticos dos quais o Brasil tanto necessita” (2005, p. 93). Diogo Mainardi, ainda sobre a possível eleição de d. Cláudio Hummes, é ainda mais agressivo:

O principal ponto da plataforma papal de dom Cláudio é que “a Igreja não pode dar respostas antigas a perguntas novas”. Não tenho idéia do que isso significa. Claro que a Igreja pode dar respostas antigas. O que não pode dar são respostas novas. Qualquer tentativa de encontrar respostas novas para questões como células-tronco embrionárias, ou aborto, ou eutanásia, ou métodos contraceptivos será sempre grotescamente mal-sucedida. A melhor saída é fazer o contrário do que diz dom Cláudio. Em vez de enfrentar os temas da modernidade a Igreja deve simplesmente ignorá-los. (...) Uma resposta antiga certamente será menos imprópria do que um arremedo de resposta nova. (...) Os católicos, segundo dom Cláudio, precisam olhar para a frente. É um erro. Seu lugar é lá atrás. O melhor argumento de que a Igreja dispõe é o mesmo de sempre: as profundezas do inferno (2005, p. 147).

Por ocasião da visita de Bento XVI ao Brasil, em maio de 2007, André Petry reafirma a ideia de que o Estado brasileiro não deve se misturar com os valores e as doutrinas católicas, em uma perspectiva que inevitavelmente remete ao Iluminismo e a Voltaire (em algumas passagens o articulista de *Veja* faz comentários que lembram aquele outro do pensador francês, para quem o homem livre vai para o céu – se assim o quiser – pelo caminho que lhe agrada). Sobre as posições da Igreja contra a “camisinha”, o aborto, o divórcio afirma “que, num estado laico e com liberdade de culto, cada lado [pode] viver segundo suas convicções” (2007, p. 55). Porém,

Quem não concorda tem o direito de rezar em outra freguesia ou de não rezar em freguesia alguma. O (...) problema é quando (...) a Igreja Católica não se contenta em falar apenas ao seu rebanho. É contra o aborto? Nenhum problema. Que oriente seu fiéis para que jamais o façam. Em vez disso, a Igreja Católica quer que o estado brasileiro mantenha uma posição legal que atinge a todos... É contra o uso da camisinha (...)? Nenhum problema. Peça aos seus fiéis (...) que se abstenham de usá-la. Em vez disso, a Igreja Católica quer que o governo brasileiro suspenda a distribuição de camisinha nos postos de saúde para todos os brasileiros... (2007, p. 55).

E conclui afirmando, à maneira de Voltaire, que “a plena liberdade de culto contempla a liberdade de qualquer culto, inclusive nenhum”.

Gostaríamos de encerrar esta breve exposição com aquela que talvez seja a mais impressionante das permanências iluministas: o otimismo com os rumos que o mundo tomou após a II Guerra Mundial, em clara oposição ao desconforto gerado pelo mesmo conflito nos meios intelectuais (como já abordamos aqui). Na perspectiva da *Veja*, Auschwitz não teria representado a falência dos valores ocidentais. Ao contrário, apesar de tudo, a herança da II Guerra Mundial é “humanitária” e o mundo que se originou a partir do conflito foi “um mundo melhor”.

(...) os historiadores são unânimes em apontar que a rendição da Alemanha nazista marcou o momento em que o cronômetro da história foi zerado. A nova contagem passou a seguir a construção dos alicerces sobre os quais repousa o mundo moderno. É uma construção imperfeita, iniciada no calor de um conflito sangrento e aperfeiçoada num período de ácidas rivalidades ideológicas, repleta de injustiças e desafios enormes – mas sólida o suficiente para garantir um período sem paralelo de prosperidade econômica, criatividade tecnológica, preocupações humanitárias e de paz, se comparado ao século anterior. (...) O legado da II Guerra também é humanitário. Criou a consciência de que os países ricos têm obrigações para com os pobres. Os horrores do genocídio dos judeus promovido pelos nazistas tiraram qualquer legitimidade das teses e políticas racistas. A II Guerra Mundial, apesar das incertezas e selvagerias inerentes à condição humana, propiciou o parto de um mundo melhor (2005, pp. 130-133).

São inúmeros os exemplos do “engajamento” iluminista da *Veja*. Teremos que nos limitar a estes por causa de uma evidente questão de ordem prática: o espaço limitado deste artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos, portanto, ter dado alguns indícios de que há permanência de certas concepções iluministas, como a posição da *Veja* parece demonstrar, a despeito da tão discutida (nos meios intelectuais) crise do pensamento racionalista. Além da permanência de tais ideias ilustradas, nosso objetivo foi também o de lembrar que sua herança não está só restrita a uma (falida) ideia de emancipação da humanidade através do uso da ciência e da razão. Fazemos nossas, mais uma vez, as palavras de Maria das Graças de Souza:

Uma (...) resposta possível às críticas ao ideário iluminista poderia ser perguntar sobre a natureza das alternativas possíveis ao arcabouço conceitual da ilustração. O que pode se opor o racionalismo das Luzes? Uma volta ao pensamento religioso, às experiências místicas? Os fundamentalismos religiosos e políticos estão aí para nos fazer pensar. Qual seria a alternativa para o universalismo da ideia de civilização? (...) que modelo poderá substituir a civilização ocidental? Quanto ao universalismo simplificador da ideia de humanidade, evidentemente, somos conclamados a considerar as diferenças culturais e étnicas, e deixar de julgá-las à luz de nossos preconceitos. Mas o multiculturalismo deve ir até que ponto? Em nome de que poderíamos por exemplo condenar os atentados à vida, à integridade física, à liberdade, perpetrados nas mais diversas culturas, a não ser a partir da ideia de uma humanidade?¹² (2001, pp. 203-204).

¹² Em entrevista exatamente a *Veja*, a ativista somali Ayaan Hirsi Ali (que passou pela excisão do clitóris aos cinco anos de idade), radicada na Holanda desde os vinte e dois anos é taxativa: “em nome da convivência multicultural (...), intelectuais do Ocidente hesitam em colocar em evidência a situação

Ela afirma ainda que “a idéia de progresso, que ordena as representações do devir histórico no Iluminismo, é, em primeiro lugar, um instrumento crítico contra as formas diversas do obscurantismo” (SOUZA, 2001, p. 204). Esta seria, segundo ela, a vertente voltairiana.

Assim, apesar de possíveis exageros e equívocos cometidos em nome da racionalidade, acreditamos que ainda é importante defender e cultivar (remetendo agora ao título do artigo) essa razão que se opõe a imposição religiosa e a intolerância dela decorrente – exatamente como fizeram os articulistas de *Veja* ao combater as tentativas de interferência da Igreja Católica na vida brasileira. Acreditamos que a ciência, considerada dogmática por alguns, é preferível às verdades religiosas; afinal, ela apela para o convencimento, não pode prescindir da demonstração, em oposição às religiões, estas, sim, detentoras da verdade absoluta.

Parece-nos, portanto, que ainda somos iluministas e que, ao contrário do que afirmam alguns críticos, na sua “vertente voltairiana” principalmente, o legado seria bem o oposto de um certo autoritarismo de que tanto o acusam.

REFERÊNCIAS

ALI, Ayaan Hirsi. O Islã é fascista. *Veja*, n. 25, pp. 11-15, jun. 2005.

BASTIDE, Roger. Voltaire. In: VOLTAIRE. *Contos e novelas*. São Paulo: Globo, 2005.

CARELLI, Gabriela. A Darwin o que é de Darwin... *Veja*, n. 06, pp. 72-83, fev. 2009.

CARELLI, Gabriela; CAMARGO, Leoleli. A revolução sem fim de Darwin. *Veja*, n. 40, pp. 112-119, maio 2007.

CHAUÍ, Marilena (Cons.). Voltaire (1694 – 1778): vida e obra. In: VOLTAIRE. *Cartas inglesas*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

FALCON, Francisco José C. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 2009. (Série Princípios)

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

subjugada da mulher dentro do Islã. (...) Ora, aqui não cabem relativismos. Abuso e mutilação sexual são crimes, e ponto final. Hoje, agora, já!” (2005, p. 14).

LEGADO da II Guerra, O. *Veja*, n. 18, maio 2005.

LINHARES, Juliana. A força de dom Cláudio. *Veja*, n. 15, p. 92, abril 2005.

MAINARDI, Diogo. As respostas da Igreja. *Veja*, n. 15, p. 147, abril 2005.

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto: 2006.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PETRY, André. A Igreja é chiclete? *Veja*, n. 19, p. 55, maio 2007.

_____. Lembra-te de Darwin. *Veja*, n. 05, p. 75, fevereiro 2009.

_____. Um papa brasileiro? Não! *Veja*, n. 15, p. 93, abril 2005.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Prefácio. In: SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

TODESCHINI, Marcos. Graças a Deus – e não a Darwin. *Veja*, n. 36, pp. 116-118, setembro 2007.

VENTUROLI, Thereza; SOUZA, Okky de. Por que Darwin ainda tem a chave da vida. *Veja*, n. 48, pp. 128-132, novembro 2005.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância*. Porto Alegre: L&PM, 2008.